

Narrativas Urbanas: O Jornalismo como Dispositivo de Reinvenção do Sujeito e de sua Relação com a Cidade¹

Ronaldo Velho BUENO²
Maria Luiza Cardinale BAPTISTA³
Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS

Resumo

O presente artigo pretende discutir o potencial das narrativas cotidianas como um dispositivo de reinvenção do sujeito e de sua relação com o espaço urbano. O referencial teórico é transdisciplinar, percorrendo perspectivas do Jornalismo Literário Avançado, a partir de Edvaldo Pereira Lima; do Jornalismo Amoroso e da comunicação como trama de subjetividades, de Maria Luiza Cardinale Baptista; além de aproximações com a Geografia Crítica, com Milton Santos e David Harvey. A metodologia tem orientação qualitativa, associando levantamento bibliográfico com relatos de observação participante no espaço urbano de Caxias do Sul, na Serra Gaúcha. O estudo, em fase inicial, sinaliza o potencial das narrativas para o acionamento dos sujeitos em interação com a cidade, levando em consideração o contexto de pós-modernidade.

Palavras-chave: jornalismo literário; narrativa; amorosidade; espaço urbano.

Introdução

Este artigo tem a proposta de ampliar a discussão sobre as narrativas cotidianas, levando em consideração o potencial criativo dos *textos urbanos* em um processo de redescoberta e reinvenção do sujeito para um novo ser e estar no mundo. O estudo é fruto de questionamentos levantados nos Encontros Caóticos da Comunicação e do Turismo, rodas de conversa semanais promovidas pelo *Amorcomtur! Grupo de Estudos em*

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de graduação em Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade de Caxias do Sul. Bolsista voluntário do Projeto de Pesquisa “Usina de Saberes em Comunicação” (CNPq-UCS). Integrante do Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese. E-mail: ronaldovelhobueno@gmail.com

³ Doutora em Ciências da Comunicação, pela ECA/USP. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da UCS (BRASIL). Pesquisadora com apoio CNPq. Coordenadora do Amorcomtur! Grupo de Estudos e Produção em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese (CNPq-UCS) e integrante do Filocom (ECA/USP). Editora associada da RBTur. Pesquisadora visitante sênior da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), com apoio FAPEAM. Pesquisadora Iberoamericana (edital UCS/SANTANDER). E-mail: malu@pazza.com.br

Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese (CNPq-UCS). A produção está vinculada ao projeto de pesquisa *Usina de Saberes em Comunicação*, trabalho que vem sendo desenvolvido no mestrado em Turismo e na graduação em Comunicação Social da Universidade de Caxias do Sul, com a coordenação da professora Maria Luiza Cardinale Baptista.

Os olhares que compõem o referencial teórico deste estudo são transversais, em consonância com o processo de mutação da ciência, desencadeado no período da pós-modernidade⁴. Dessa forma, percorremos os caminhos do Jornalismo Literário Avançado, com Edvaldo Pereira Lima, e da comunicação como trama de subjetividade, de Maria Luiza Cardinale Baptista, orientando a reflexão para a complexidade do cenário urbano e a potência para produção de narrativas. O texto ainda passa por autores que abordam os gêneros e os textos jornalísticos, como Cremilda de Araújo Medina, Maria Helena Ferrari e Muniz Sodré, além de fazer aproximações com estudos acerca dos espaços geográficos. Nesse sentido, podemos destacar as contribuições de Milton Santos, Henri Lefebvre e David Harvey.

No que diz respeito à metodologia, optou-se por uma abordagem com orientação qualitativa, associando a realização de levantamento bibliográfico, seminários teóricos e relatos de observação participante no espaço urbano de Caxias do Sul. Localizada na região serrana do Rio Grande do Sul, a cidade é marcada pelo encontro de culturas e etnias, ambiente que favorece o surgimento de narrativas vivas e complexas. Com população estimada em mais de 470 mil habitantes⁵, o município se constitui como a segunda maior aglomeração urbana do Estado e a quinta maior da região Sul do Brasil.

Vale salientar que se trata de uma pesquisa em fase inicial. Neste primeiro momento, portanto, o projeto está concentrado no levantamento bibliográfico, na realização de seminários teóricos e nas discussões sobre o tema, proporcionadas pelas reuniões semanais do grupo de pesquisa. Dessa forma, o principal esforço deste artigo consiste em demonstrar o potencial das narrativas urbanas como um dispositivo do processo de acionamento dos sujeitos em interação com a cidade.

⁴ A concepção de pós-modernidade apresentada aqui está fundamentada em Edgar Morin (2003). Neste trabalho, o autor discorre sobre os pressupostos deste período, que inicia na segunda metade do século XX. Podemos destacar os princípios da incerteza, da mutabilidade e da pluralidade dos saberes como características marcantes deste contexto.

⁵ Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=430510>> Acesso em 27 jun. de 2015.

Comunicação e narrativa na perspectiva do Jornalismo Literário Avançado

Voltei os olhos para a rua, onde o cotidiano levava as pessoas para seus destinos. Fiquei me perguntando qual seria o traçado de cada um. O som abafado que vinha de fora entrava em meus ouvidos como melodia regida por aquelas vidas. Os casais de mãos dadas, o sorriso da mãe ao escutar as histórias do pequeno filho, o colorido dos cabelos das jovens que voltavam da escola, se faziam para mim nostalgia que embalava o adormecer calmo daquele dia. (BAUER; BUENO, 2013)

Antes de iniciar o percurso pelos olhares que compõem o referencial teórico deste estudo, é preciso levar em consideração que toda cidade é um texto, transversalizado por seu próprio desenvolvimento e pela interação com os sujeitos. Sendo assim, podemos dizer que todo espaço urbano carrega um grande potencial de comunicação, favorecido pelas narrativas que enriquecem nosso cotidiano.

Considerando a contribuição teórica de Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, podemos visualizar as narrativas como “todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p.11). Esses textos cotidianos não precisam ser, necessariamente, escritos ou falados, uma vez que os processos comunicacionais abrangem fluxos extralinguísticos de interação de sujeitos. Trata-se de uma forma de comunicação que só é possível *em interação*, com o Outro e com o ambiente.

Nesse sentido, Ciro Marcondes Filho nos ajuda a compreender a complexidade do processo comunicacional e suas características na contemporaneidade. Ao propor uma *Nova Teoria da Comunicação*, esse autor desconstrói os modelos simplificadores que, ao longo de décadas, reduziram o fluxo comunicacional a algo puramente mecânico e palpável. De acordo com ele, é impossível captar o processo em sua totalidade, pois estamos falando de algo inerente ao ser humano e sua maneira de se relacionar com o mundo. Marcondes Filho (2008, p. 15) ressalta que:

A comunicação, portanto, jamais pode ser vista como transmissão, deslocamento, transferência, como se fosse um objeto que eu pegasse de um lado e pusesse em outro [...]; como se fosse possível eu retirar uma ideia, uma sensação, uma impressão, um sentimento de dentro de mim e abrir a cabeça de outra pessoa para coloca-lo lá dentro.

Com esse entendimento, podemos conceber a comunicação como *acontecimento*, isto é, como o instante em que subjetividades são entrelaçadas. Esse momento, por ser trama de sujeitos, só pode ser vivenciado na coletividade, pois ninguém comunica sozinho, para si mesmo. É justamente essa relação de interatividade que permite o aprofundamento do olhar jornalístico para além da lógica objetiva e factual, disseminada amplamente nas redações dos veículos de imprensa tradicionais. Conforme Edvaldo Pereira Lima, o texto produzido nesses moldes se transforma rapidamente em algo efêmero e descontextualizado. Com a perspectiva do Jornalismo Literário Avançado, esse autor propõe uma leitura aprofundada da realidade:

O ideário do Jornalismo Literário Avançado prima, assim, por um desejo de abandono de qualquer leitura preconceituosa do real. Em lugar de se ater exclusivamente a um viés racionalista de compreensão, procura aquilatar as situações e acontecimentos em pauta sob um modo de entendimento que começa a partir dos seus personagens. Aliás, para essa modalidade narrativa de não ficção não existem fontes, mas sim personagens. As pessoas são personagens da vida real. (LIMA, 2013, p. 74)

Essa compreensão de Edvaldo Pereira Lima, que coloca as pessoas como matrizes da realidade, fornece pistas preciosas sobre a relação existente entre jornalismo e literatura. De acordo com o autor, essa relação “não se dá apenas no aspecto estilístico, de escrita. E nem é coisa exclusivamente do passado. Também acontece no plano da captação, da observação do real” (LIMA, 1998, p.43). Dessa forma, Lima nos ajuda a compreender o jornalismo literário como um processo, e não apenas como uma fórmula de escrita, previamente estabelecida. Percebe-se, aqui, o caminho para a humanização das narrativas.

Vale destacar, também, o trabalho de Cremilda Medina, que parte da crítica ao modelo racional de texto jornalístico para propor o que ela chama de “a arte de tecer o presente”. Medina explica que a narrativa cotidiana deveria ser considerada a matéria-prima do jornalismo, mas acabou sendo deixada de lado pela rotina das grandes redações, que, na maior parte do tempo, tentam limitar o potencial criativo de uma escrita mais humanizada. Conforme Medina (1986, p. 93):

Para que o cotidiano se presentifique é preciso romper com as rotinas industriais da produção da notícia. É preciso superar a superficialidade das situações sociais e o predomínio dos protagonistas oficiais. Há uma demanda reprimida pela democratização das vozes que se fazem presente na mídia. Torna-se necessário mergulhar no protagonismo anônimo.

Mais adiante, no mesmo texto, ela sentencia: “[...] a interdisciplinaridade só acontece no *diálogo possível* que transcende os especialistas” (MEDINA, 1986, p. 94). Dessa forma, ao considerarmos o caráter social do jornalismo, encontramos em Maria Luiza Cardinale Baptista a proposta do Jornalismo Amoroso. A compreensão desta perspectiva está entrelaçada ao conceito de amorosidade apresentado pelo biólogo chileno Humberto Maturana (1998). Para este teórico, o amor pode ser entendido como o “reconhecimento do outro como legítimo outro, na convivência”. Sendo assim, podemos salientar que “amorosidade e comunicação são palavras que representam processos de vida, absolutamente entrelaçados” (BAPTISTA, 2012, p. 96).

A partir da compreensão da amorosidade como característica intrínseca à condição de *ser* humano, podemos perceber que as narrativas aqui mencionadas surgem para resgatar as marcas de oralidade deixadas de lado pelo jornalismo das grandes corporações. É neste momento que nos deparamos com a perspectiva da relação do sujeito com o espaço geográfico no qual ele está inserido. Em termos metodológicos, os relatos de observação participante, que são propostos para a segunda parte deste projeto, devem estar fundamentados na sensibilidade. Isto é fundamental para que se possa ampliar o olhar para a matriz cotidiana da cidade e suas histórias. Conforme Baptista (2012, p. 99), “não há como entrar em contato com o outro, para fazer fluir informações, se não houver a disposição do encontro, verdadeira, plena”. Afinal, esses personagens, ao interagirem com o território urbano, estão produzindo textos, narrativas vivas de experiências.

Geografização cidadã: redescobrimo lugares

Diante do que já foi apresentado, podemos perceber que as narrativas cotidianas carregam o potencial de acionar a matriz criativa dos sujeitos. Essa é uma das características que viabilizam o processo de releitura da realidade. Conhecer e pronunciar o mundo são etapas fundamentais para redescobri-lo, reinventá-lo. É justamente neste sentido que nos aproximamos das contribuições fornecidas pelos estudos geográficos e, principalmente, a partir dos olhares da chamada Geografia Crítica.

Nessa linha de abordagem, o teórico brasileiro Milton Santos nos deixa pistas muito importantes. Na obra “Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal”, o autor propõe uma reinterpretação da realidade contemporânea – e da

globalização – a partir de uma visão transdisciplinar, orientada por relações essencialmente horizontais entre as pessoas. Nesse sentido, Santos (2008, p. 112-114) conceitua o *lugar* como um grande palco para o exercício pleno da existência. De acordo com ele:

É o espaço, isto é, os lugares, que realizam e revelam o mundo, tornando-o historicizado e geografizado, isto é, empiricizado. Os lugares são, pois, o mundo, que eles reproduzem de modos específicos, individuais, diversos. Eles são singulares, mas são também globais, manifestações da totalidade-mundo, da qual são formas particulares. (SANTOS, 2008, p. 112)

Nota-se aqui, outra sinalização importante que o autor nos deixa: os lugares carregam, de forma conjunta, características singulares e globais. Ou seja, cada ambiente, cada espaço urbano de uma cidade, é marcado por aspectos que os tornam diferentes entre si, mas, ao mesmo tempo, interligados pelo contexto histórico e social. Dessa forma, a relação sujeito-território exerce um papel determinante nos processos comunicacionais. O que se constitui aqui, segundo Santos, é uma ressignificação constante entre sujeito e lugar:

[...] não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre presente e futuro. A existência *naquele* espaço exerce um papel revelador sobre o mundo. (SANTOS, 2008, p. 114)

A partir da compreensão de que somos sujeitos em interação – com o Outro e com o espaço de existência –, começamos a vislumbrar as possibilidades de construção de uma nova relação com o cenário urbano. No livro “O espaço do cidadão”, Santos propõe uma *geografização da cidadania*. Segundo o autor (2000, p. 121), essa condição “[...] supõe que se levem em conta pelo menos dois tipos de franquias, a serem abertas a todos os indivíduos: os direitos territoriais e os direitos culturais, entre os quais o direito ao entorno”.

Dessa forma, Milton Santos aposta na capacidade criativa do cidadão, potencializada pelo caldo cultural característico dos grandes centros urbanos. Conforme o autor, o encontro de culturas proporciona o ambiente favorável ao surgimento de novas experiências estéticas, sociais e políticas:

O próprio mundo se instala nos lugares, sobretudo as grandes cidades, pela presença maciça de uma humanidade misturada, vinda de todos os quadrantes e trazendo consigo interpretações variadas e múltiplas, que ao mesmo tempo se chocam e colaboram na produção renovada do entendimento e da crítica da existência. Assim, o cotidiano de cada um se enriquece, pela experiência própria

e pela do vizinho, tanto pelas realizações atuais como pelas perspectivas de futuro. (SANTOS, 2008, p.172-173)

Para refletir sobre o espaço urbano, portanto, é fundamental levar em conta o processo comunicacional e sua complexidade, exemplificado pelo entrelaçamento das narrativas cotidianas.

Ainda no que diz respeito ao potencial de criação dos sujeitos para a (re)descoberta de um novo ser e estar no mundo, devemos levar em consideração as contribuições de Henri Lefebvre e David Harvey. O sociólogo francês Henri Lefebvre denuncia os impactos do modo de produção capitalista na vida das grandes cidades. Para isso, ele traz o conceito de *tecido urbano*. De acordo com autor (LEFEBVRE, 1999), o *tecido* corresponde ao modo de viver da sociedade urbana, levando em consideração os aspectos econômicos e sociais. Isto é, a distribuição geográfica dos centros urbanos deve ser compreendida como reflexo direto do processo de industrialização e acumulação de capital. No caso específico do Brasil e dos demais países da América Latina, é preciso ter em vista que o desenvolvimento econômico se desenrolou com características históricas específicas, levando a um processo tardio de industrialização. Para reverter esse quadro, Lefebvre apresenta o caminho das lutas urbanas pelo direito à cidade, que “[...] não pode ser concebido como um simples direito de visita ou de retorno às cidades tradicionais. Só pode ser formulado como direito à vida urbana, transformada, renovada” (LEFEBVRE, 1999, p. 116-117).

Harvey, por sua vez, ao analisar a contribuição de Lefebvre, traça uma relação entre a construção do espaço geográfico ao longo da história e sua relação com o sistema de acumulação do capital. Como alternativa ao modelo financeiro-territorial hegemônico, o geógrafo britânico sinaliza o potencial transformador do sujeito, uma vez que:

A questão de que tipo de cidade queremos não pode ser divorciada do tipo de laços sociais, relação com a natureza, estilos de vida, tecnologias e valores estéticos desejamos. O direito à cidade está muito longe da liberdade individual de acesso a recursos urbanos: é o direito de mudar a nós mesmos pela mudança da cidade. Além disso, é um direito comum antes de individual já que esta transformação depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo de moldar o processo de urbanização. (HARVEY, 2012, p. 74)

Sendo assim, o autor lança para o cidadão o direito a reinventar a cidade, como forma legítima de reconstruir a si mesmo. Dessa forma, o processo de (re)descoberta e reinvenção encontra respaldo nas narrativas urbanas, podendo ser visto como um

dispositivo capaz de gerar leituras mais humanizadas da relação do sujeito-lugar e suas transversalidades.

Considerações finais

O cenário exposto nos leva a compreender a importância de refletir o papel desempenhado pelas narrativas cotidianas nos complexos processos de comunicação, característicos da contemporaneidade. Os olhares para a cidade nos mostram que todo espaço geográfico é um texto, que vai muito além da rigidez do aço e concreto, encontrando matrizes de subjetividade. Sendo assim, o direito humano de querer redescobrir a si mesmo encontra legitimidade e ressonância na interação com o Outro, em uma leitura mediada pelo território.

As linhas teóricas percorridas neste texto, associadas às discussões propostas pelos Encontros Caóticos da Comunicação e do Turismo, nos trazem a percepção de que é possível repensar o espaço geográfico a partir dessas narrativas, cotidianas e urbanas, capazes de acionar o sujeito para a criação de um novo ser e estar no mundo. Processo que, nas palavras de Milton Santos, corresponde a “uma nova consciência global”. Para tanto, é fundamental recorrermos à perspectiva de um jornalismo pautado pela amorosidade, a fim de reconhecermos no Outro os olhares múltiplos e sensíveis, necessários para a construção de territórios mais humanos e solidários.

Referências

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Comunicação**: trama de desejos e espelhos. Canoas, RS: Ulbra, 1996.

_____. **Jornalismo Amoroso. Quem quer (a)provar?**. REBEJ – Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo. Ponta Grossa, v.1, n.9, p. 93-118, jan. a jun. 2012.

_____. **Paixão-pesquisa**: encontro com o “fantasminha camarada”. Textura. Canoas, n. 1, p. 67-78, 1999.

BAUER, Jennifer; BUENO, Ronaldo Velho. **Olhares Cruzados**. Jornal O Florense. Flores da Cunha, 22. nov. 2013. Caderno de sábado, p. 2. Disponível em <http://oflorense.com.br/interna_noticias.php?id=3895&secao=7> Acesso em 27. jun. 2015.

HARVEY, David. **O direito à cidade**. Lutas Sociais. São Paulo, n.29, p. 73-89, jul. a dez. 2012.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. São Paulo: EDUSP, 1990.

LIMA, Edvaldo Pereira. O que é livro-reportagem. São Paulo: Brasiliense, 1998. (Coleção Primeiros Passos).

_____. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Unicamp - Faculdade de Educação, 1993.

_____. **Memória do Futuro**: Jornalismo Literário Avançado no Século XXI. INOVCOM – Revista Brasileira de Inovação Científica em Comunicação. [S. l.], v. 5. n. 2, p. 68-78, set. 2013.

LEFEBVRE, Henri. **A cidade do capital**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Para entender a comunicação**: Contatos antecipados com a nova teoria. São Paulo: Paulus, 2008.

MATURANA, Humberto R. **Emoções e linguagem na educação e política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: O diálogo possível. São Paulo: Ática, 1986.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 4. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2003. (Coleção Epistemologia e Sociedade).

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 5. ed. São Paulo: Nobel, 2000.

_____. **Por uma geografia nova**. 4. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

_____. **Por uma outra globalização**: Do pensamento único à consciência universal. 17. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: Notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.